

Inácio Correia Pamplona: um “herói” para o sertão mineiro setecentista

Maria Emília Aparecida de Assis

Mestre em História

Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ)

mariaemilia_assis@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo busca elucidar a constituição “épica” de uma das figuras mais emblemáticas e paradoxais da história colonial mineira, o mestre de campo Inácio Correia Pamplona. A construção alegórica do personagem foi edificada pelos homens que integravam a entrada de 1769, rumo à conquista do sertão mineiro, a partir de poemas que foram compostos durante a expedição. Os poemas exaltam a imagem de Pamplona como um “herói” para o sertão, figura extraordinária por seus feitos guerreiros, seu valor e sua magnanimidade. No entanto, em contrapartida, o que se pretende é colocar a figura mítica no seu devido lugar: o sertão oeste das Minas Gerais na segunda metade do setecentos, demonstrando que esta visão romantizada foi fruto de motivações políticas específicas que acabaram por tornar o sertanista uma figura transcendental aos olhos de seus homens.

PALAVRAS-CHAVE: Sertão, Entradas, Minas Gerais setecentista.

ABSTRACT: This article aims to elucidate the "epic" constitution of the most emblematic and paradoxical figures of mining colonial history, the field master Inacio Correia Pamplona. The allegorical character of the building was built by men who were part of the entry 1769, toward the conquest of the mining backlands, from poems which were composed during the expedition. The poems exalt the image of Pamplona as a "hero" for the backlands, by extraordinary figure made its warriors, its value and magnanimity. However, on the other hand, the aim is to put the mythical figure in its place: west backlands of Minas Gerais in the second half of the seven, demonstrating that this romanticized vision was the result of specific political motivations that eventually make one sertanista transcendental figure in the eyes of his men.

KEYWORDS: Backlands, Entries, Eighteenth-century Minas Gerais.

Na medida em que se consolidavam as Minas do ouro, intensificou-se, a partir dos focos de povoamento, a exploração do sertão oeste e a expansão das fronteiras das terras agropastoris. Da terra sertaneja das Minas Gerais setecentista, emergiam do chão mais que ouro e diamantes. A terra abrigava uma rede de muitas teias a entrelaçar interesses de potentados, sesmeiros, posseiros e mineradores. No período que compreende as décadas 1740 e 1750, com os novos projetos de conquista de territórios na capitania de Minas Gerais, sobretudo a oeste, e a instituição da rota de Goiás, os focos de conflitos se proliferaram naquele sertão.

Alguns aspectos da ação política desencadeada na segunda metade do século XVIII teve por objetivo geral assegurar, para a Coroa portuguesa, a posse de seus domínios na América. Em larga medida, visava-se a formação de vassallos úteis à desejada grandeza do império colonial

português. Entende-se que Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, foi o principal formulador da fundamentação teórica e das práticas políticas adotadas no projeto “civilizador” em terras coloniais. Nesse sentido é possível perceber que, aos poucos, foi definido um “sistema político, civil e militar” para ser aplicado às capitanias do Estado do Brasil, o qual estava estabelecido sob um princípio geral: a Coroa portuguesa, para assegurar a posse de seus domínios americanos, precisava adotar ações que garantissem o aumento do “número dos fiéis alumados da Luz do Evangelho, pelo próprio meio de multiplicação das povoações civis e decorosas”¹³¹.

Nesse período, os domínios portugueses na América, passaram a receber, efetivamente, maiores atenções, especialmente quanto à delimitação de suas fronteiras com as terras espanholas e a consequente ocupação das terras do sertão, com o intuito de, povoando-as, garantir, sua posse. As autoridades coloniais e metropolitanas entendiam que o sertão mineiro precisava ser controlado e “civilizado” – com base em suas próprias ideias do que viria a ser “civilizado” – devido às suas riquezas e possibilidades econômicas - para isso era imprescindível sua conquista.¹³²

Assim com o objetivo de controlar essa região e sua população, várias expedições foram enviadas aos sertões. O objetivo era destruir qualquer elemento que estivesse prejudicando o povoamento e desenvolvimento da região. Após ter solucionado este problema, sesmarias deveriam ser distribuídas a fim de que pessoas passassem a arcar com a responsabilidade de manter a área livre dos quilombolas e dos índios. Durante a expedição era preciso também criar Igrejas, símbolo do poder espiritual sobre os homens, cuidar das pendências judiciais que fossem encontradas, casar as pessoas que viviam em concubinato e iniciar plantações que facilitassem novas expedições.¹³³

¹³¹ INSTRUÇÃO de Governo de Mendonça Furtado. In MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *Rios Guaporé e Paraguai: primeiras fronteiras definitivas do Brasil*. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1985, pp. 42-47.

¹³² Durante o século XVIII, o conceito de civilização desempenhou um papel importante no discurso da colonização nas terras portuguesas. Carregado de uma dimensão metropolitana, o conceito alcançou uma ampla extensão, penetrando também em áreas que praticamente não tinham ainda sido influenciadas pelos poderes coloniais. A função política, social e cultural do uso do conceito variou bastante de acordo com o contexto histórico. No caso, do território colonial, o termo passou a designar de acordo com os interesses portugueses uma oposição entre o progresso – metropolitano - e a “barbárie” – sertões. BOER, Pim den. *Civilização: comparando conceitos e identidades*. In: FERES JÚNIOR, João e JASMIN, Marcelo. *História dos conceitos: diálogos transatlânticos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-Loyola-IUPERJ, 2007. pp. 121-128. Um dos elementos constituidores da ação política desencadeada na segunda metade do século XVIII e que teve por objetivo geral assegurar para a Coroa portuguesa na América foi a delimitação das fronteiras e a ocupação das terras no sertão, com o intuito de, povoando-as, garantir, a sua posse. E para isso, o governo não hesitou em adentrar as “áreas proibidas” e dominar todo tipo de resistência frente ao processo de ocupação da terra.

¹³³ NOTÍCIA diária e individual das marchas e acontecimentos mais condignos da jornada que fez o senhor mestre de campo, regente e guarda-mor Inácio Correia Pamplona, desde que saiu de sua casa e fazenda do capote à conquista do sertão (1769). In: *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 108, Rio de Janeiro, 1988, p. 266-267.

Inácio Correia Pamplona, português de origem, cumpriu bem esse papel, tendo sua vida marcada pelas atividades desbravadoras nos sertões da capitania mineira, exterminando índios e quilombolas que se localizavam no oeste de Minas Gerais e pelo controle quase que absoluto que detinha da região em função de possuir muitas terras e poderes conferidos pelos próprios Governadores.¹³⁴ Foi aclamado por seu séquito em todas as entradas que rompiam a esmo pelos sertões. Enaltecido por seus companheiros de jornada como um semideus, foi por várias vezes igualado aos grandes personagens mitológicos e heróis da antiguidade, remetendo sempre a atos de honra e valentia. Assim chegavam a compará-lo a *Hércules*, a *Moisés* e ao rei *Xerxes*, da *Pérsia*.¹³⁵

Assim, apontando de forma breve os argumentos utilizados pelas autoridades coloniais e metropolitanas para a ocupação do sertão oeste mineiro, é possível estabelecer a relação entre os poemas declamados por alguns integrantes da expedição de 1769 ao sertão oeste da capitania de Minas Gerais, a seu líder, Inácio Correia Pamplona e a construção de uma imagem gloriosa de um guia guerreiro derivado de uma caracterização ostentosa do “herói” como ser extraordinário. Ser este, capaz de domar a natureza agreste, índios e quilombolas ferozes.

No entanto, para se estabelecer este elo faz-se necessária a associação com o Arcadismo luso-brasileiro explorado aqui na influência do Marquês de Pombal, o poderoso primeiro-ministro português, no conteúdo da poesia da sua época.¹³⁶ De acordo com Márcia Amantino,

A principal escola literária que se formou com base nas ideias filosóficas defendidas por pensadores iluministas foi o Arcadismo. Seus autores contestavam os dogmas e os valores do Barroco, visto então como exagerado. Os Arcades propunham uma literatura mais simples, menos rebuscada e baseada na espontaneidade. Propunham ainda, a volta aos padrões clássicos, recuperando não apenas o estilo, mas também seus heróis e mitos. Entretanto, os problemas expressados nestas obras deveriam ter ligação direta com a época em que viviam, pois a ciência dava mostras de que o progresso era uma

¹³⁴ BARBOSA, Waldemar de Almeida. *A capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1970.

¹³⁵ Cf. os poemas recitados em homenagem a Pamplona durante a expedição de 1769. Notícia diária e individual das marchas e acontecimentos mais condignos da jornada que fez o senhor mestre de campo regente e guarda mor Inácio Correia Pamplona, desde que saiu de sua casa e fazenda do Capote às conquistas do sertão, até de retornar a sua dita fazenda, In: *Anais da Biblioteca Nacional*, p. 62-67-70.

¹³⁶ Cf. TEIXEIRA, Ivan. *O Mecenato Pombalino e Poesia Neoclássica*. 1ª ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. Com uma prosa límpida, o autor demonstra como Pombal usou a arte como veículo de autopromoção. Depois de subir ao poder, em 1750, Pombal patrocinou portentosas obras arquitetônicas, deixando sua marca em Lisboa quando reconstruiu a cidade após o terremoto de 1755. Além disso, o governante lusitano apoiava escritores financeira e politicamente. Déspota esclarecido condicionava o apoio, claro, à exaltação de sua política. Também queria promover um tipo de arte que defendesse ideias iluministas contra o que julgava ser as trevas da religião. Ou seja, que servisse de justificativa para um dos grandes feitos de seu governo, que foi a diminuição da influência dos jesuítas na vida política do país. A novidade do livro de Ivan Teixeira é demonstrar como, no além-mar, jovens escritores brasileiros afinaram-se com essa ideologia.

realidade e que os homens já não precisavam explicar todos os acontecimentos através da fé.¹³⁷

Segundo Ivan Teixeira¹³⁸, Pombal no reinado de D. João V, tinha exercido a função de diplomata português em Londres (1738-1744) e em Viena (1745-1749). Na época, a governamentalidade portuguesa emanava de três secretarias, a mais importante das quais era a dos Negócios de Reino. Depois, vinham a da Marinha e Ultramar e a dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Com a ascensão de D. José I [1750], Sebastião José foi nomeado secretário dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Após o terremoto de Lisboa de 1755, ascendeu à secretaria dos Negócios do Reino e colocou gente de sua confiança nas demais. Desde então, governou com plenos poderes até a morte de D. José, em 1777. Sua importância e seu poder expressam-se nos títulos recebidos: em 1759, ele tornou-se Conde de Oeiras e, em 1769, Marquês de Pombal.

Como *Conde de Oeiras*, Pombal preocupou-se com sua imagem, tornando-se um mecenas. Seu período de mecenato foi marcado pela ideia de progresso, arrojo, trabalho, austeridade e estudo. Podemos perceber, segundo Teixeira que, no reinado de D. João V, já se vinha:

promovendo a renovação do pensamento em Portugal, manifesta no surgimento de academias, laboratórios, traduções e edições importantes. Nas ciências, tal renovação corresponde à adoção do método cartesiano e da física de Newton; em filosofia, equivale à superação da Neo-Escolástica em favor do Experimentalismo inglês; nas letras, manifesta-se na assimilação da poética de Boileau e na censura generalizada à poesia seiscentista, sobretudo em sua vertente gongórica.¹³⁹

Pombal chegou a presidir a fundação da Arcádia Lusitana em 1756, protegendo os poetas e artistas, certamente isso fazia parte da estratégia de divulgar e criar entre os intelectuais um ambiente favorável às suas reformas. Apoiado pela filosofia moral e pelo conceito de poesia setecentista, o mecenato pombalino empenhar-se-ia em imortalizar os homens dignos de imitação.

Três importantes personagens do século XVIII se destacaram no estilo árcade luso-brasileiro: o estadista Sebastião José de Carvalho e Melo, o poeta José Basílio da Gama e o reitor Francisco José Freire. Ao interpretar *O Uruguai*, poema de Basílio da Gama, como “epopéia brasílica”, o Romantismo se apropriou dele para criar um dos alicerces da suposta fundação da literatura brasileira.¹⁴⁰

¹³⁷ AMANTINO, Márcia Sueli. *O Mundo das Feras: os moradores do sertão oeste de Minas Gerais – século XVIII*. 426 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, Rio de Janeiro, 2001, p. 291.

¹³⁸ TEIXEIRA, Ivan. *O Mecenato Pombalino e Poesia Neoclássica*, p. 45.

¹³⁹ TEIXEIRA, Ivan. *O Mecenato Pombalino e Poesia Neoclássica*, p. 23.

¹⁴⁰ GAMA, Basílio da. *O Uruguai*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1964.

As características básicas do Arcadismo vistas no poema de Basílio da Gama podem ser encontradas sem muitas alterações no Arcadismo mineiro, com exceções do ideal do “Bom Selvagem” e da busca pela natureza. Pelo contrário, o que se percebe é que, de uma maneira ou de outra, o indígena era um empecilho à vida no campo e este – ainda que refúgio ideal e paraíso perdido – ficava abalado com sua existência. A natureza que se buscava nestes poemas não era a bravia e a natural. A que se desejava era a natureza domesticada e produtiva, quer seja com o ouro ou com os produtos agrícolas.

Por meio de poemas¹⁴¹ dedicados ao mestre de campo no decorrer da expedição de 1769, marcados por expressões e pensamentos que associavam um dos maiores antagonismos do sertão – “barbárie x civilização” –, é edificada uma imagem para o sertanista, chefe da expedição – a de um líder esplêndido. Toda essa construção da glorificação em torno da figura do sertanista ocasionou a escrita e a declamação de numerosos versos que se manifestaram pelo encômio – um verdadeiro louvor a Pamplona, o líder triunfante. Apelavam indefectivelmente para alegorias mitológicas de cuja comparação o homenageado saía sempre vitorioso. Todos eram unânimes em exaltar sua magnanimidade, afamado por seus feitos guerreiros, sendo somente ele capaz de levar a “civilidade” e apaziguar o sertão.

Partindo da observação dos conceitos usados por Roger *Chartier*, é possível perceber a investigação de como as práticas e as representações são construídas, propondo uma nova forma de abordagem e buscando perceber as representações como construções que os grupos fazem sobre suas práticas.¹⁴²

Considera-se aqui que os poemas não retratam fielmente a realidade em que está inserida, mas a representa através de diferentes olhares. Os poemas não se constituem em verdades inquestionáveis, ainda que ofereçam contribuições importantes, pois pertencem a um grupo com determinada visão de mundo. A proposta de *Chartier* desmorona a noção de história como

¹⁴¹ Cinco poemas foram de autoria de religiosos, sete de fazendeiros que o acompanhavam e dois não possuíam indicações de seus autores. Márcia Amantino, em sua obra, *O Mundo das Feras*, faz uma análise sobre o lado literário da expedição de 1769 sob o prisma do Arcadismo. No entanto, a autora enfoca muito mais as bases da escola literária do que propriamente uma análise mais reflexiva sobre o processo de heroificação de Pamplona pelos homens que o acompanhavam em suas comitivas pelos sertões mineiros. A autora, ao analisar os poemas, faz uma análise bastante pontual. O objetivo do presente artigo é retomar essa discussão, observando como esses poemas construíram uma imagem grandiosa de um líder intrépido e impávido para o sertão colocando a figura mítica no seu devido lugar: o sertão oeste das Minas Gerais na segunda metade do setecentos. Para seu séquito, Pamplona foi um verdadeiro herói. Na pena dos poetas que engrossavam suas tropas, o entrante seria edificado como mártir para o sertão. Se inicialmente debatemos de frente com o mito, passamos a narrar os acontecimentos que marcaram o surgimento dele. Inácio Correia Pamplona estava inserido entre os principais potentados de Minas Gerais setecentista, região com contornos e ânimos instáveis. AMANTINO, Márcia. *O Mundo das Feras*, p. 291-302.

¹⁴² Mais detalhes poderão ser obtidos no texto: CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 1ª ed., São Paulo: Difel, 1990, p. 13-28.

tradução da realidade, pois afirma que nenhum texto traduz a realidade, nenhum texto apreende a realidade em sua totalidade.¹⁴³

A categoria representação, segundo *Chartier*, permite uma análise sobre as maneiras pelas quais os homens dão inteligibilidade ao mundo social do qual fazem parte, uma vez que ela é um estatuto de organização desse mundo social. Nesse viés, o social passa a ser abordado por meio dos lugares de produção de discursos, que apreendem e estruturam o real, no caso, as representações. Trata-se de símbolos que, por meio das práticas culturais [produtoras de símbolos], imprimem determinada leitura de mundo, em um dado lugar. Diz o autor que é a partir desses esquemas intelectuais incorporados que se criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro se tornar inteligível e o espaço, decifrável. É então postulada entre signo visível e o que ele significa. As práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” [instâncias coletivas ou indivíduos singulares] marcam de modo visível a existência do grupo.¹⁴⁴

Desta forma analisando o relato da expedição de Pamplona pode-se perceber como era o cotidiano de um grupo em missão itinerante de conquista e “civilização”, que elementos compunham suas vidas e universo. Ao mesmo tempo é possível resgatar a visão que aqueles homens tinham do desconhecido, seus medos e seu imaginário. O outro, o diferente era criado antes mesmo de existir e sempre associado ao perigo. O que criava a fé nos perigos e colocava o desconhecido como ameaça era a ideia de que deveria haver uma grande ameaça.

O êxito da empreitada estava sempre na dependência do domínio do desconhecido. Subjugá-lo equivalia a destruir quilombos, prender quilombolas, distribuir terras, batizar pagãos, criar igrejas e vilarejos, construir pontes e abrir caminhos, enfim, incorporar a região ao império colonial português e ser integrado de forma espontânea e inconsciente ao espaço que se tentava dominar.

Desde o período colonial, o sertão era uma expressão que designava “espaços” internos, longe do litoral. Também indicava “aqueles espaços desconhecidos, inacessíveis, isolados, perigosos pela natureza bruta, e habitados por bárbaros, hereges, infiéis, onde não haviam

¹⁴³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*, p. 15.

¹⁴⁴ _____. *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes*. 1ª ed., Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, p. 73.

chegado as benesses da religião, da civilização e da cultura”.¹⁴⁵ Russel-Wood ressalta que a autoridade régia, os conselheiros e os administradores que viviam na colônia, e ainda grande parte dos colonos sempre imaginavam um “sertão dos sertões” aliado à noção de “desordem, ao desvirtuamento e à instabilidade”. Essa região era habitada por pessoas que estavam aquém “dos limites impostos pelos padrões metropolitanos em termos de ortodoxia religiosa, costumes, moralidade, cultura e relações pessoais”. Tanto que os “sertões poderiam se localizar para aquém do alcance do governo ou, na verdade, tão distantes como se estivessem efetivamente fora do Império”, o que, é claro, poderia lhe conferir certo “grau de autonomia”.¹⁴⁶

Esse é o cenário rude do sertanejo que os poemas procuram purificar por intermédio da personagem. Inácio Correia Pamplona é a figura escolhida, pelas autoridades coloniais, como representante de um projeto do sertão a “civilizar”. Os poemas, ao se dedicarem à construção da imagem de Pamplona, reagem à persistência de uma visão “bárbara” e negativa do sertão. Esse homem vem para limpar aquele cenário inculto e de façanhas “barbarescas” e santificar aquele meio “selvagem” em que alvorou o sertão oeste de Minas Gerais setecentista. Assim, Inácio Correia Pamplona seria o homem, por excelência, que promoveria o combate à “barbárie” e desafiaria o isolamento daquela região. O “cavaleiro do sertão” traria a “civilização” para o povo do oeste de Minas.

Para os autores dos poemas e de considerável parte dos homens que integravam a expedição de 1769, Pamplona era um verdadeiro herói. Como bem ressaltou José Murilo de Carvalho, os heróis servem como “símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identidade coletiva”. A “criação de símbolos” não é aleatória, “não se faz no vazio social”. Ele tem que “responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado”.¹⁴⁷

Mas como se explica o fato de Pamplona ser promovido recorrentemente como um herói absoluto nos poemas declamados? Primeiramente é preciso atentar para as construções épicas dos relatos sobre o sertão. Na prática, o discurso laudatório dos companheiros de jornada de Pamplona lhe proporcionou uma excelente oportunidade de autopromoção perante as

¹⁴⁵ AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. *Estudos históricos: história e região*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, pp. 145-151, jun.1995. p. 149.

¹⁴⁶ RUSSEL-WOOD, A. J. R. Centro e periferias no mundo luso-brasileiro, 1500-1808. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, v. 38, n. 36, pp. 187-249, 1998.

¹⁴⁷ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. O imaginário da República no Brasil. 15ª Reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 55.

autoridades coloniais. A criação de uma imagem inóspita do sertão auferiu para o sertanista inúmeras mercês que requeria sempre em nome da conquista e da “pacificação” do sertão.

A esperança de um guia providencial ganha conotações diferentes dependendo das necessidades e anseios em que a sociedade está vivendo em um determinado período. Em torno da figura de Pamplona, forma-se uma constelação de imagens: a do soberano, a do chefe, a do guia, a do herói. Em torno desse personagem-símbolo, cristalizaram-se poderosos impulsos de emoção, de espera e de esperança. Constelação movente, sem dúvida ampla, cuja permanência e identidade não podem escapar à observação e à definição de suas estruturas.

Os recitais de poemas vangloriando Pamplona marcaram toda a expedição rumo ao oeste mineiro em 1769. Nas paragens, após as refeições, ao entardecer ou mesmo no romper da aurora, poemas eram declamados e imagens grandiosas eram construídas para Pamplona. O chefe da expedição é ele mesmo uma prática do governo: descreve, investiga e representa o espaço, desvela e apreende os habitantes e assegura seu séquito dos perigos sertanejos. Podemos perceber, logo no início da referida expedição, que Pamplona seria aquele que traria controle oficial para o sertão onde as pessoas que ali viviam estavam sem assistência e padecendo por falta de administração. Em um dos poemas declamados por um religioso, essas imagens são claramente definidas:

1
Desde que o mundo foi criado
Pela divina onipotência
Aos filhos de Adão se tem negado
Em nossos palácios a assistência
Agora parece que é chegado
O tempo da melhor correspondência
Porque se até aqui sertão silvestre
Hoje corte, os campos que tem Mestre.

2
Chegai sublime varão à nossa vista
Alegrar o sertão do Bambuí
Vinde ser senhor desta conquista
Nossos amenos campos possuem
Sempre vossa grandeza nos assista
Que eu com estes bosques concluí
Empenhos de mais fertilidade
Para que o país mais vos agrade.

3
Temos até agora padecido
Um desprezo total da gente humana
Experimentando das feras o bramido
Em uma soledade tão tirana
Mudem nossas mágoas de sentido
Que uma posse real nos desengana
Que vem o filho do sol como regente

Ser guarda mor deste continente.

4

Estavam esses tesouros escondidos
Agora se verá o seu valor
Não foram até agora merecidos
Agora é que acharam seu senhor
A vosso poder estamos rendidos [...].

5

Trazei convosco bastante companhia,
Que a todos que quiserdes serviremos
Para mais lustrar vossa bizzaria
Que para vossos criados ligar temos
Tereis vós sempre a primazia
E nós povoados nos veremos
Só para desengano destas feras
Que deixam de ser gentes, são quimeras.

6

Alvíssimas Bambuí que vêm chegando
A fazer um jardim deste sertão
A tão luzidas tropas comboiando
Um senhor que a um tempo em sua mão
Dois bastões dourados maneando
Ao mundo em tudo dá lição
Ensinando e regendo sem segundo
E capaz de reger a todo o mundo.¹⁴⁸

Pela análise desse poema, podemos verificar que se destina ao louvor do líder, entendido como escolhido por Deus. Sob a ação coordenadora do mestre de campo Inácio Correia Pamplona, líder intrépido, impávido e forte, o sertão florescia como os jardins na primavera. Ao mesmo tempo é possível extrair importantes elementos que associam Pamplona à imagem épica que chega a ser identificado como o “filho do sol”.

Os homens proclamavam a chegada do entrante nos sertões, visto a falta de assistência em que se encontravam, e Pamplona chegava justamente para trazer a esperança e tempos de “melhor correspondência”. Para os homens que o acompanhava, assim que Pamplona adentrava no tão temível sertão, este entrava em processo de transformação. Essa mesma região tornava-se com sua presença uma “corte” porque recebia nela um “mestre”. A natureza, antes bravia, passava a ser um “jardim”. Os habitantes tidos como *selvagens* deixavam de ser e se transformavam em quimeras, ou seja, havia, nesse caso, um incentivo ao povoamento dos que seguiam a comitiva. A afirmação de que não havia mais perigos no sertão era um recado aos novos povoadores.

¹⁴⁸ POEMA de um religioso (anônimo) ao mestre de campo Inácio Correia Pamplona. NOTÍCIA diária e individual das marchas e acontecimentos mais condignos da jornada que fez o senhor mestre de campo, regente e guarda-mor Inácio Correia Pamplona, desde que saiu de sua casa e fazenda do capote à conquista do sertão (1769). In: *Anais da Biblioteca Nacional*, pp. 54-55.

Não se pode esquecer que, a partir do momento em que o mito ganha certa amplitude coletiva, ele tende a combinar vários sistemas de imagens ou de representações, a constituir-se, em outras palavras, como uma espécie de encruzilhada do imaginário aonde vem embaralhar-se em aspirações e exigências mais diversas. Conforme os momentos e os meios, Pamplona encarnou ao mesmo tempo a ordem e a aventura. Foi exaltado por alguns como o símbolo da epopeia guerreira e por outros como a garantia de um futuro pacificamente assegurado. Pamplona é glorificado em outro poema como um herói. O semideus dos combates, mais precisamente como *Hércules*,

Que intrépido, que ardente, que pasmoso
Vencendo vai o monte desmedido
Um novo herói buscando o cume erguido,
Onde a fama erigiu seu templo honroso,

Lá aparece um congresso portentoso
De célebres varões lá conduzidos,
É por eles ao templo esclarecido
Lá se assenta em um sólido majestoso.

Hércules lhe dá a clava e diz a fama
Respeitem as idades o meu brado;
Aqui um Alcides novo hoje se aclama

Já que foi como Hércules esforçado
Cinja o grande Pamplona, a verde rama
Que o faça semieterno e decantado.¹⁴⁹

Os mitos são compostos por um conjunto de narrativas que tem a função de explicar o mundo, de gerar sentido para as pessoas e as comunidades. Não interessa, para o ponto de vista que vislumbramos, se o mito existiu ou não, se há factualidade em determinada narrativa. O que importa é que em certo contexto cultural o mesmo foi compreendido como um passado. Logo, o mito, em sua função, pode ser analisado como uma memória social. Neste sentido, o mito do herói *Hércules* quando comparado a Pamplona chama a atenção, uma vez que ele serve de mito fronteira, ao mesmo tempo em que une, separa.

Hércules foi um dos heróis mais populares do mundo antigo. Cultuado entre gregos e romanos. Seu mito delimita as fronteiras entre o mundo “civilizado” e o “selvagem”, a mortalidade e a imortalidade, o conhecido e o desconhecido. Trata-se de um mito maleável, que teve as mais distintas apropriações. Diferentes construções de *Hércules* são realçadas. Cada uma se apropria, a seu modo, de uma de suas várias facetas, mas sempre falando do mesmo herói. O

¹⁴⁹ POEMA de autoria desconhecida dedicado a Inácio Correia Pamplona. NOTÍCIA diária e individual das marchas e acontecimentos mais condignos da jornada que fez o senhor mestre de campo, regente e guarda-mor Inácio Correia Pamplona, desde que saiu de sua casa e fazenda do capote à conquista do sertão (1769). In: *Anais da Biblioteca Nacional*, p. 56.

poeta ao recriar em Pamplona o mito, de forma consciente ou não, aumenta os obstáculos a serem vencidos pela comitiva guiada por seu líder e o engrandece a cada ato praticado na “pacificação” a e cada tarefa cumprida no sertão.

A exaltação de seus momentos heróicos e corajosos produz um estereótipo que o aproxima do guerreiro dominado pelo ofício, com ares de mártir. Isso se torna providencial para Pamplona, pois no momento em que se apropria dos relatos mais possibilidades surgem de auferir benesses junto às autoridades desencadeadas pela campanha a favor de sua imagem e de suas ideias. Por outro lado, não se pode entender o encômio setecentista como totalmente verossímil, pois os poetas encomiásticos tendiam à parcialidade, ou seja, sacrificavam a sua opinião à própria conveniência.

A escolha dos adjetivos pode não corresponder a situações vivenciadas pelo poeta, e sim a necessidades internas do contexto. Desse modo é possível lançar como hipótese a associação dos poetas com Pamplona na construção do enigmático e heróico homem do sertão, ao difundir essas poesias como forma de participar, ao menos de uma parte, do ganho dos benefícios com a entrada de 1769, principalmente as sesmarias. Assim passa a decorrer a noção de que se trata, de uma laudatória de promoção política e econômica. A terra era tida pelos poetas como boa e portadora de tesouros escondidos, porque esperavam a chegada de alguém que merecesse receber suas mercês¹⁵⁰, prática recorrente durante o Antigo Regime.

De fato, para além dessa riqueza de projeções oníricas, dessa multiplicidade de imagens cristalizadas em torno de um mesmo personagem, Pamplona exerceu com honra altos cargos e grandes comandos. Detinha o controle quase que absoluto da região – sertão oeste de Minas Gerais setecentista – em função de possuir muitas terras e poderes conferidos pelas autoridades.¹⁵¹ Além disso, a conquista do sertão era algo que procurava “dilatar o domínio americano” e que, por intermédio de Pamplona, “(...) O Império aumenta sem disputa, intrépido buscais a terra inculca a gentes solidão a mais oculta”¹⁵².

¹⁵⁰ Pode-se perceber que, junto à ideia de conquista, havia claramente definida a busca por algo que era identificado com o conceito de riqueza. No caso de Minas Gerais, ela era associada principalmente ao ouro e aos diamantes, às concessões de sesmarias e à escravização indígena. Para uma análise das Conquistas ou Entradas em Minas Gerais do século XVIII, remeto ao excelente estudo de RESENDE, Maria Leônia Chaves de. *Gentios Brasileiros: índios Coloniais em Minas Setecentista*. 401 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em História, Campinas, 2003, pp. 31-140. LANGFUR, Harold Lawrence. *The Forbidden Lands: frontier Settlers, Slaves, and Indians in Minas Gerais, Brazil. 1760-1830*. 410f. Faculty of the Graduate School, University of Texas/Austin, 1999.

¹⁵¹ BARBOSA, Waldemar de Almeida. *A capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1970.

¹⁵² POEMA de um padre anônimo. NOTÍCIA diária e individual das marchas e acontecimentos mais condignos da jornada que fez o senhor mestre de campo, regente e guarda-mor Inácio Correia Pamplona, desde que saiu de sua casa e fazenda do capote à conquista do sertão (1769). In: *Anais da Biblioteca Nacional*, p. 87.

Os principais aliados do regente nessa atuação de governo foram os padres, desde o capelão da expedição até os vigários das paróquias percorridas. Nos seus poemas laudatórios dedicados a Pamplona, os padres exortaram o representante do governador a favorecer, através da pastoral [esclarecida], a transformação da população embravecida. O vigário de Santa Ana do Bambuí compôs o seguinte soneto no momento do jantar:

Não me admiro o templo decantado
Lá no velho Testamento deduzido
Porque esse templo fatal foi erigido
No centro de Israel civilizado

Admira-se houver edificado
Num sertão de gentios combatido
Um templo a Santa Ana agora erguido
Por um ilustre varão famigerado

Com ampliada fadiga se apaixonou
Este astro luzido que fecundo
Transferiu este país da ardente zona

Lá dizem que Salomão foi em segundo
Porém para louvá-lo de um Pamplona
É pequeno teatro o mesmo mundo.¹⁵³

As imagens construídas sobre Pamplona nos poemas eram de tamanha grandiosidade que, em um poema de autoria de um vigário, afirmava que a construção de um templo em Israel teria sido obra de simples realização, uma vez que se estava no centro da “civilização”. Entretanto, a edificação da Igreja de Santa Ana do Bambuí por Pamplona era um feito de grande nobreza por que fora levantada num sertão povoado de inimigos “gentílicos”.

As missas celebradas diariamente no alvorecer, no período da jornada [entre 18 de agosto e 27 de novembro de 1769], eram obrigação do capelão. Elas precediam os fatos notáveis e predispunham os acordos políticos e judiciais e as atividades de trabalho desenvolvidas em cada pouso [abertura de caminhos, construção de capelas e ponte, estabelecimento de roças e exploração de rios auríferos].

Inácio Correia Pamplona, em suas expedições aos sertões mineiros, tinha total poder deliberado pelos próprios governadores para resolver as mais diversas contentas, fossem elas judiciais - prender criminosos, processar outros - e exterminar os inimigos indígenas e

¹⁵³ POEMA do Reverendo vigário da Senhora de Santa Ana – nome do vigário não é mencionado no corpo do documento -. NOTÍCIA diária e individual das marchas e acontecimentos mais condignos da jornada que fez o senhor mestre de campo, regente e guarda-mor Inácio Correia Pamplona, desde que saiu de sua casa e fazenda do capote à conquista do sertão (1769). In: *Anais da Biblioteca Nacional*, p.82.

quilombolas.¹⁵⁴ Levantava Igrejas nas áreas inóspitas, abria picadas, construía pontes e tantos outros feitos em suas diligências,

1

Senhor mestre de campo, meu senhor,
Muito para bem vos seja a conclusão
Da ponte que com tanta perfeição
Quisestes acabar com tanto ardor.

Viva o enfado, também viva o rigor
Que mostravas em alguma ocasião
Viva o alegre semblante e a feição
Com que em outras mostravas tanto amor.

Viva pois senhor a variedade
De vossas ações fatais e genuínas
Compostas de polida urbanidade.

Vivam as vossas palavras sempre finas
Ao mandar, no saber, e na beldade,
Vivam sempre vossas obras peregrinas.

2

Vós o altivo herói que o engenhoso
Nessa fábrica altiva bem mostrais,
Pois o primeiro sois que editais
Uma ponte em rio tão caudaloso.

Sois um Xerxes sublime e poderoso
Que chagais a erigir quanto intentais
Nesta obra ao rei francês avantajais
E a todos excedeis no seu colosso.

Nesta influência exemplar e peregrina
Documentos administra em segundo
Este febo que os mais homens ilumina.
Quem deixará de lhe dar louvor profundo
Se deste ápice fatal se origina
Glória a Deus, serviço ao rei, passagem ao mundo.¹⁵⁵

Os versos remetem a imagem de um retrato sublime em que se ressalta o heroísmo, como estampa colorida e movimentada sobre o estereótipo da bravura. Inspiração é o que não falta para falar de um homem que dominou o sertão rebelde e por isso era igualado ao rei persa, *Xerxes*, por merecimento e presteza nos serviços prestados às autoridades como um vassalo fiel. Para tanto, Inácio Correia Pamplona possuía poderes dados pelo Governador, Conde de

¹⁵⁴ SILVEIRA, Marco Antônio. *O Universo do Indistinto: Estado e Sociedade nas Minas Gerais Setecentista 1735-1808*. 203 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História, São Paulo, 1994, p. 27.

¹⁵⁵ POEMA de Manoel Bernardes de Cristo. NOTÍCIA diária e individual das marchas e acontecimentos mais condignos da jornada que fez o senhor mestre de campo, regente e guarda-mor Inácio Correia Pamplona, desde que saiu de sua casa e fazenda do capote à conquista do sertão (1769). In: *Anais da Biblioteca Nacional*, pp. 62-63.

Valadares ao lhe patentear como Mestre de Campo e Regente dos Distritos de Pium-í, Bambuí, Campo Grande e Picada de Goiás¹⁵⁶:

Senhor Conde de Valadares,
Estrela muito excelente,
Vós nos destes por regente,
Ilustre por geração.

Escolhido entre tantos,
Inácio Correia Pamplona,
Por nosso mestre de campo.

Ó espada de roldão,
Toquem-se trompas,
Cantem os anjos,
Entre o povo para este sertão.

Tudo feito nesta maneira
Pólvora, chumbo e patrona,
Espingardas à bandoleira,
Entrando duas bandeiras.

Procurando negros e ouro
Deus nos depare um tesouro
Para garrochiar neste touro (...).¹⁵⁷

Como bom líder sabia coibir, mas também soubera absorver momentos de insegurança de seus homens quando no sertão o medo da retaliação de quilombolas e “gentios” surgia. Na expedição de 1769, a 10 de outubro, Pamplona incentivava seus homens a continuarem em marcha sertão a dentro com as seguintes palavras:

[...] os vejo a todos temoratos e amedrontados de ouvirem diferir destes exploradores no sertão que este estava cheio por uma quantidade de gentio v. m. não hão de permitir que estes imagine que os tememos advirtam Sr.. que as terras em que nos hoje habitamos na consulta em que agora nos achamos não duvidam eram infestadas dos mesmos, nem por isso agora deixaremos de servir nossa casa a esse fim e donde se acha estes lhes há de suceder o mesmo [...] não lhes sirva de obstáculo as várias aldeias dos inimigos não se deixam vencer do que ainda não viram, nem dos estrepes, nem flechas, nem temam dos seus arcos, porque as nossas armas lhe hão de suprimir todos os seus impulsos sem mais vigorosos ataques de sorte que os obrigara a largar o terreno e nos

¹⁵⁶ ARQUIVO Histórico Ultramarino – Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania de Minas Gerais (1680-1832) – Documentação microfilmada e digitalizada em 53 CD's pelo “Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco”. Conselho Ultramarino/Brasil; Arquivo Histórico Ultramarino; Instituto de Investigação Científica Tropical/Lisboa. PR, AHU, 12.603, cx: 177, doc. 47, rolo 163, fl. 14 – Pela real ordem, Inácio Correia Pamplona foi provido pelo Governador e Capitão General, Conde de Valadares, no posto de Mestre de Campo e Regente do terço da infantaria auxiliar no sertão de Pium-í, Bambuí, Campo Grande, Picada de Goiás e suas anexas na Comarca do Rio das Mortes.

¹⁵⁷ POEMA de Francisco Camacho. NOTÍCIA diária e individual das marchas e acontecimentos mais condignos da jornada que fez o senhor mestre de campo, regente e guarda-mor Inácio Correia Pamplona, desde que saiu de sua casa e fazenda do capote à conquista do sertão (1769). In: *Anais da Biblioteca Nacional*, pp. 76-77.

ficaremos Sr. Dele, esta gente foragida não comete senão do descuido e donde [...] resistência logo fogem [...].¹⁵⁸

As imagens construídas sobre Pamplona eram tão magníficas que em um poema de autoria desconhecida, ele é associado a *Moisés*, liderando o povo em busca “da terra prometida”,

Magnânimo herói altivo coração
Sempre impávido, forte e arrojado [...]

E nós todos que temos a ventura
De a um segundo Moisés acompanhar
As graças lhe rendamos com ternura.

E aquém só de nós se quis lembrar
É certo que com fé muito firme e pura,
Reverentes indultos devemos tributar.¹⁵⁹

Assim, nota-se o Moisés ou o arquétipo do profeta associado a Pamplona. Anunciador dos tempos por vir, ele lê na história aquilo que os outros ainda não veem. Ele próprio, conduzido por uma espécie de impulso sagrado, guia seu povo pelos caminhos do futuro. É um olhar inspirado que atravessa a opacidade do presente, uma voz que vem de mais alto ou de mais longe, que revela o que deve ser visto e reconhecido como verdadeiro.

O homem providencial aparece sempre como um lutador, um combatente. Quer na restauração da ordem estabelecida ou em sua subversão, quer organize ou anuncie aquela que está por vir, é sempre por outro lado, sobre uma linha de ruptura dos tempos, que se situa seu personagem. É na manifestação e nos anseios da coletividade que ele se afirma e se define, com ele, graças a ele, o “depois” não seria mais como era o “antes”. Os signos sob os quais ele se coloca, as imagens que inspira para assegurar sua representação constituem um elemento determinante para a abordagem de um tempo e de uma sociedade.

Tratando-se, todavia, de pessoas humanas, muito concretamente e muito precisamente inseridas em certo espaço geográfico e em certa fase do tempo, não é muito concebível que a narrativa em questão escape totalmente à marca da história, não testemunhe, de uma maneira ou de outra, a presença da história. Aos grandes heróis imaginários, protótipos eternos propostos, como *Hércules*, *Édipo* e tantos outros,

a literatura como a pintura podem atribuir rostos os mais diversos. Eles não dependem de nenhuma cronologia, de nenhum contexto fático. Podem ser e

¹⁵⁸ CARTA de Inácio Correia Pamplona ao Conde de Valadares, Estância de São Simão, 10/10/1769. 18,2,6. Arquivo Conde de Valadares [Biblioteca Nacional, seção de manuscritos].

¹⁵⁹ POEMA de autoria desconhecida dedicado a Inácio Correia Pamplona. NOTÍCIA diária e individual das marchas e acontecimentos mais condignos da jornada que fez o senhor mestre de campo, regente e guarda-mor Inácio Correia Pamplona, desde que saiu de sua casa e fazenda do capote à conquista do sertão (1769). In: *Anais da Biblioteca Nacional*, p. 70.

foram incessantemente reinventados, reinterpretados; cada um de nós tem a liberdade de reconstruir à vontade seus personagens.¹⁶⁰

Com toda propriedade, tal evidência não pode ser aplicada a Pamplona, pois era um ser de “carne e osso”, historicamente definível, e cujo processo de heroificação não poderia fazer esquecer os traços particulares que são de uma personalidade, de um destino e de um contexto.

Muito rico e dono de uma fortuna que se construiu em parte por meio da rapina chancelada pela administração da capitania, Pamplona era um homem de seu tempo. A representação, no caso específico do mestre de campo é a demonstração de uma presença, ou seja, “(...) a pessoa mesma que constitui sua própria representação”¹⁶¹, que encarna a força de uma identidade social. O poderoso *Hércules* do sertão não passava de um homem bruto e rústico que usava da violência para dominar a população do sertão e que se valia de poderes repassados pelas autoridades coloniais para se afirmar enquanto liderança maior nas áreas em que o poder central não tinha acesso.

Homem multifacetado, Pamplona era guardião de um mosaico de interesses que muito usou do sertão para reclamar inúmeras benesses. A construção de uma retórica exagerada em torno de sua imagem, na verdade é apenas uma forma de vangloriar seus feitos, ora mais evidente, ora mais camuflada, sendo necessário perscrutar através do sertão. O impacto desse território, contudo, provocou uma mudança radical no espírito dos homens que acompanham o sertanista: metamorfoseavam a natureza e o líder em matéria poética. A partir daí, Pamplona passaria a oscilar em frequência cada vez maior entre as imagens que dançavam na imaginação, vindas dos matos, montes, rios e dos descampados que a comitiva percorria.

No sertão apresentava ser uma figura de variação tanto ou mais fantasiosa. Para os homens de sua comitiva, Pamplona teria sido o guardião da segurança no agreste sertanejo repleto de feras, negros aquilombados e gentios bravos, contra os quais liderava encarniçadas campanhas militares. Na colônia, Minas era um imenso sertão, já pouco paradisíaco e muito rebelde que abrigava terríveis habitantes. Da lenda, volta-se a história real, a quem é difícil depois que se analisa as fontes atribuir o perfil de herói: viveu em limites fluidos entre o fato – realidade - e a ficção – o herói construído por seus companheiros. Sendo assim Pamplona nada mais era que um homem de seu tempo, ávido em usar todas as estratégias para se manter nas mais altas esferas de negociação com as autoridades para projetar-se na vida política, social e econômica colonial.

¹⁶⁰ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 81.

¹⁶¹ CHARTIER, Roger. *A Beira da Falésia*. p. 166.

Pamplona é um exemplo que traz em si o espírito do homem da conquista, atuando de forma a executar na região o que apregoava o projeto “civilizacional” das autoridades metropolitanas. Ele foi um elemento de ligação entre a realidade mineira e seu sertão e as teorias desenvolvidas pelos que nunca por ali estiveram. Essas foram as imagens sobre Pamplona que puderam ser percebidas por meio dos poemas elaborados durante a expedição de 1769. A simbólica do gesto permanece inseparável do contexto histórico. As imagens que inspira para assegurar sua representação constituem um elemento determinante para a abordagem de um tempo e de uma sociedade. É preciso concordar com Ginzburg ao afirmar que “as linhas que convergem para o nome e dele partem, compondo uma espécie de teia de malha fina, dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido”.¹⁶²

A constatação da força da representação transforma-o em um espelho em que a personagem vê e se persuade do próprio poder.

Recebido em: 24/03/2014

Aceito em: 22/05/2014

¹⁶² GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. 1ª ed., Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.